



**MARIA DE LOURDES DA SILVA**

**O ENSINO DA ARTE NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**



Londrina  
2009

## **O ENSINO DA ARTE NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**

**MARIA DE LOURDES DA SILVA\***

Artigo científico apresentado na Disciplina de Arte,  
no Programa de Desenvolvimento Educacional,  
realizado sob a orientação do professor Doutor  
Jardel Dias Cavalcanti.\*\*

---

\*Graduada em Educação Artística pelas Faculdades Integradas de Ourinhos /SP  
Pós-Graduada em Metodologia e Didática do Ensino pela UENP/ PR  
Docente na disciplina de Arte no Colégio Estadual Vicente Rijo na cidade de Londrina, onde desenvolve o projeto  
“Educação estética em oposição à indústria cultural”.  
[mariadelourdes\\_66@hotmail.com](mailto:mariadelourdes_66@hotmail.com)

\*\*Graduado em história pela Universidade Federal de Ouro Preto  
Mestre em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas.  
Professor de História da Arte, Teorias da Arte, Filosofia da Arte e Arte e Sociedade  
Atua nos seguintes temas: História da Arte, Crítica de Arte, História da Arte brasileira, Artes Plásticas, História do Brasil e História Moderna. É colunista do site [WWW.digestivocultural.com.br](http://WWW.digestivocultural.com.br) de São Paulo. Atualmente é professor de História da Arte e Teorias da Arte na Universidade Estadual de Londrina (UEL) PR.

## RESUMO

Este artigo visa compartilhar uma reflexão sobre o ensino de arte na escola em uma sociedade marcadamente influenciada pela indústria cultural. Relata os resultados obtidos pela implementação do projeto de intervenção pedagógica realizado no Colégio Estadual Vicente Rijo, na cidade de Londrina, cujo objetivo maior foi o de conscientizar os alunos da existência de um poder manipulador por parte dos *mídia* e oferecer formas de resistência a esta manipulação. A análise tem por referência a teoria de Adorno, visando argumentar a condição da arte no contexto midiático e sua recepção pelo espectador. Assim, é de suma importância refletir sobre ações pedagógicas que possam viabilizar a formação de um indivíduo preparado para receber esta excessiva carga informativa de forma mais crítica, uma vez que, inexoravelmente integra esta “sociedade do espetáculo”, assim denominada por Guy Debord.

PALAVRAS-CHAVE: indústria cultural, arte, sociedade do espetáculo.

## ABSTRACT

This article aims to share a reflection about the teaching of art in school in a society strongly influenced by the culture industry. It reports the results obtained by implementation of the pedagogical intervention project conducted in School State Vicente Rijo, in Londrina, whose main objective was to awareness students of the existence of a manipulative power of *media* and offer forms of resistance to this manipulation. The analysis is referenced by the Adorno's theory, in order to argue the condition of art in the media context and its reception by the viewer. . Therefore, it is extremely important to reflect on pedagogical practices that might facilitate the individual formation who is prepared to receive this excessive load information more critically, since this inevitably includes the “society of spectacle”, named by Guy Debord.

KEY WORDS: cultural industry, art, society of the spectacle

## INTRODUÇÃO

*“...Por um lado a cultura de massa alimenta a vida, por outro lado, atrofia-a...”*

Edgar Morin

A indústria cultural, termo criado pelos filósofos da Escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer, na década de 40, na sua obra *Dialética do Esclarecimento*, é o fenômeno que se caracteriza pela mercantilização da cultura na sociedade de consumo que se estabeleceu após o processo de industrialização. A sociedade de consumo é aquela que está inserida em um sistema de capitalista, na qual a otimização do lucro e do consumo é seu objetivo máximo. Neste contexto, os meios de comunicação de massa constituem-se nos veículos responsáveis pela divulgação de bens e produtos, incluindo os de ordem cultural. Segundo Adorno, neste sistema o homem é objeto de manipulação, sofre um anestesiamiento dos sentidos, tem sua consciência atrofiada e torna-se alienado, pois é visto apenas como potencial de consumo, sobretudo porque, que neste sistema cada ação é cuidadosamente preparada para que o poder de persuasão dos média prevaleça sobre nossas escolhas. É o homem reificado que, em função da padronização de comportamento, passa inevitavelmente a integrar o grupo da cultura de massas. Para Herbert Marcuse, a massificação da cultura contemporânea é uma perigosíssima forma de totalitarismo, porque não é percebida como tal, onde os dominados não percebem essa dominação.

Desse modo urge pensar a escola como espaço de ações e práticas pedagógicas apoiadas em narrativas que possibilitem uma dimensão emancipatória do aluno, estabelecendo condições de resistência ao processo de alienação estabelecido pela indústria cultural. À arte-educação cabe a tarefa de educar esteticamente, a fim de que o aluno possa ter condições de desenvolver seu gosto artístico próprio, sabendo reconhecer a verdadeira arte e acima de tudo entenda que a previsibilidade e a superficialidade dos conteúdos midiáticos não exigem nenhum esforço mental, como exige a verdadeira obra de arte.

## A SOCIEDADE PÓS-MODERNA

A sociedade pós-moderna, caracterizada pela descrença e pela desconstrução dos valores consolidados pelo projeto de modernidade iluminista, tais como Razão, Igreja, Verdade, Progresso, que, supostamente cumpririam a promessa de emancipação universal, vê o mundo como instável, imprevisível, um conjunto de culturas desunificadas, gerando um grau de ceticismo em relação à objetividade de tais valores, em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades.

Alguns autores afirmam ser a pós-modernidade um “mal estar da modernidade” Como observa Hobsbawm: “o mal estar da modernidade não é gratuito, a barbárie esteve em crescimento durante a maior parte do século XX” (1998, p. 268).

As guerras mundiais, as bombas nucleares, o horror do Holocausto, levam a humanidade a se perguntar: onde está a felicidade que viria com o progresso? Como o ideal emancipador da Razão se transformou em barbárie? O poder onipotente da ciência não era garantia de civilização? Como afirma Delamcapa

“Assim, não é surpreendente que a crítica do racionalismo- cujas premissas foram apresentadas, entre as duas guerras(...)- tenha se tornado uma forma ao mesmo tempo radical e sistemática depois da Segunda Guerra Mundial, da qual essa crítica é, no essencial, uma conseqüência”, (1997, p. 286).

A sociedade pós- moderna tenta digerir essas inquietações, numa desagradável constatação de que a ciência, a racionalidade, o progresso e o avanço tecnológico não foram capazes de contribuir para a emancipação do homem, como havia sido previsto pelos iluministas. É neste contexto de insatisfação com relação ao passado e insegurança com relação ao futuro que o homem contemporâneo interage com seu grupo social, sendo neste contexto que a mídia-imagético-eletrônica invade todos os campos da vida humana. É a chamada sociedade pós-industrial, na qual a oferta de bens e produtos coexiste com a difusão absoluta da informação.

Na sociedade pós-moderna o mundo capitalista transformou a ciência em um dos elementos fundamentais para seu desenvolvimento, ela se tornou a base para o

avanço tecnológico, ampliando assustadoramente seu uso diário. O aparato tecnológico do qual hoje usufruímos, invadiu a vida cotidiana, de tal forma que, não é mais possível caracterizar a vida atual sem considerar sua presença constante e ativa. A tecnologia penetrou no processo produtivo, na vida doméstica, nas artes, na medicina, nas ruas no campo, no espaço sideral...

As chamadas democracias ocidentais, desde a metade do século XX, têm feito ampla utilização dos meios imagético-eletrônicos de comunicação, principalmente o cinema e a televisão, nas mais diversas áreas. Tanto o cinema quanto o rádio foram imprescindíveis para a divulgação do potencial totalitário dos regimes nazi-fascistas. Assim conseguiam o controle e alcançavam um público considerável.

Não obstante, pode-se dizer que atualmente o cinema e a televisão representam as principais formas de mídia, veículos de formação cultural dominante.

Pela Teoria Crítica dos filósofos frankfurtianos, pode-se afirmar que na pós-modernidade, o problema não se encontra na ciência e razão modernas, mas na forma como essa ciência e razão são instrumentalizadas na sociedade contemporânea. Assim, o problema não está na forma de mídia, ou no suporte material ou técnico utilizados, mas sim nas relações sociais estabelecidas e decorrentes deste processo.

Como afirma Santos:

“Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido.(...) Seus fundamentos são a informação e o seu império, que encontram alicerce na produção de imagem e do imaginário, e se põem a serviço do império do dinheiro, fundado este na economização e na monetarização da vida social e da vida pessoal. (2000, p. 18).

Se por um lado a indústria cultural permitiu à sociedade pós-moderna uma democratização da informação nunca antes imaginada, por outro, ao submeter-se aos patrocínios do lucro, banalizou-a esvaziando-a de sentidos.

## INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO

O mundo esclarecido, idealizado pelos iluministas, sempre quis livrar a humanidade da ignorância, do obscurantismo e dos preconceitos grosseiros, elevando-a a patamares mais complexos de progresso civilizatório. No excurso II da

*Dialética do Esclarecimento* (1985), intitulado “*A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas*”, Adorno e Horkheimer afirmam que o declínio da religião, na era moderna, não resultou no caos cultural, esperados pelas teses sociológicas, pois no lugar da religião surgiu o rádio, televisão, revistas, cinema, a comunicação de massas. Desta forma, hoje é a razão instrumental o caráter altamente repressivo da sociedade que se auto-aliena.

A dinâmica da indústria cultural se revela na repetição ilimitada de certos produtos. O massacre que essa indústria realiza diariamente sobre as pessoas, valendo-se do seu caráter de repetição, é comum tanto aos mais mágicos primitivos, como no poderoso fetiche que exerce a ciência positivista. O processo de repetição, quase *ad infinitum*, dos produtos pode ser observado nos programas de televisão, nas programações dos rádios e em toda indústria do entretenimento. Trata-se de um processo patológico que, segundo a psicanálise, está vinculado à esquizofrenia e que, em certo sentido, tem a ver com a regressão de nossos sentidos e da nossa própria condição humana. (Loureiro e Della Fonte, 2003, p. 56).

Os *mídia* almejam normatizar e direcionar a forma e o conteúdo da fruição estética, objetiva determinar o que se deve escutar, o que se deve ler, o que se deve assistir, etc. Há por sua vez, uma disputa por “mercado” consumidor e pela formação de consumidores para se inserirem dentro de mercados específicos, por exemplo: música da nova era, axé, pagode, música sertaneja, programas de auditório e os famigerados reality-shows. O controle ideológico da indústria cultural se dá no pseudo direito de escolha do indivíduo. As pessoas pensam estar consumindo o que escolhem, quando na verdade estão sendo sutilmente persuadidas a fazê-lo, o que na maioria das vezes não passa de um anestesiamento dos sentidos. É desta forma que, segundo Adorno, em vez da formação de indivíduos autônomos, capazes de atuar de forma crítica e emancipada na sociedade, a produção e reprodução dos bens simbólicos pela indústria cultural, à rigor são co-responsáveis pelo processo de formação de individualidades anestesiadas.

Cada vez mais, observa-se a diminuição na capacidade de reflexão crítica e o aumento do conformismo diante do processo de dominação e barbárie social, ou seja, em vez de seres autônomos e emancipados, vê-se subjetividades danificadas, que buscam identificação com as coisas, subjetividades reificadas que só se expressam e se sentem como seres existentes no momento em que estão

exercendo o sacro exercício de contemplação e consumo de mercadorias. Parece restar apenas a formação do “cidadão-cliente”. (Loureiro e Della Fonte, 2003, p. 61).

Como afirma Baitello:

“...os média disseminam os modismos, os deuses da publicidade, e do marketing, as novas necessidades de se fazer visível, e muitas imagens midiáticas que não fazem outra coisa a não ser nos devorar. Diariamente.”

Os meios de comunicação de massa têm sido sucessivamente incorporados aos mais diversos ambientes da vida cotidiana e cumprem uma função pedagógico-educativa, no momento em que disseminam crenças, valores, hábitos juízos éticos e estéticos, enfim os mais variados conhecimentos. Daí porque Libâneo, refletindo sobre uma necessidade de uma educação para a mídia, afirma que:

(...) com a perda relativa das funções de socialização sofrida pela escola e pela família, a televisão passa a ser um instrumento cada vez mais poderoso no processo de socialização. Um dos aspectos negativos dessa influência é a tendência à passividade e à dependência das crianças, prejudicando o desenvolvimento pleno de suas capacidades cognitivas e sócio-afetivas. Daí a necessidade de as escolas desenvolverem uma leitura crítica e uma postura ativa perante a mídia, para ensinar os jovens a dominar a linguagem midiática, para não serem dominados por ela. (1998, p. 69).

Diante dessa reflexão, ficam os desafiadores questionamentos: quais as possibilidades de a educação escolar potencializar as contradições e ambiguidades existentes na relação do sujeito com a indústria cultural? De que forma o ensino de arte pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico, e para a educação estética? De que maneira é possível preparar a recepção do espectador num mundo caracterizado pelo espetáculo midiático?

## A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Walter Benjamim, no seu ensaio “*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*” denuncia a banalização da arte em um mundo na era da imagem técnica. Afirma ele que, a obra perde sua “aura”, sua autenticidade e sua unicidade na era da reprodutibilidade ilimitada. Este ensaio, escrito na década de 30, previa o processo de *iconofagia*, no qual somos devorados pela imagem técnica, tão bem descrito por Baitello; e a sociedade do espetáculo, descrita por Débord, na qual vivemos diante de um espetáculo ininterrupto programado pela mídia.



Consideremos que a comunicação de massa está presente e é determinante na formação cultural e na construção de identidade, constituindo-se em um elemento referencial poderosíssimo na vida do indivíduo pós-moderno. O campo dos Estudos Culturais oferece uma perspectiva de análise bastante profunda sobre a influência da mídia nas construções identitárias, sobretudo o lugar privilegiado que ocupa na circulação de discursos na nossa sociedade. Assim, seu compromisso é: “...examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com e no interior de, relações de poder.” (Nelson Treichler e Grossberg, 1998, p. 11). A cultura seria então um *locus* onde se estabelecem divisões que implicam em desigualdades, onde acontecem os embates políticos: o espaço privilegiado em que ocorre a luta pela significação. Portanto é fundamental que as respostas buscadas a partir do complexo homem/espetáculo sejam alicerçadas pela busca da compreensão dos fenômenos culturais do mundo atual.

Para Hall (1998) as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas estão sofrendo alterações que abalam seus quadros de referência. A concepção de uma identidade unificada que estabilizava o homem social ruiu. As paisagens culturais no mundo dominados pelos processos de informação e globalização estão fragmentadas, o indivíduo perdeu suas localizações em um mundo marcado pela pluralidade. O sujeito pós-moderno é incompleto, inacabado, não tem mais identidade essencial, mas várias identidades transformadas continuamente em relação ao modo como é representado ou interpelado pelos sistemas sociais ao seu redor, podendo ser contraditórias ou não resolvidas. Desta forma é que as relações existentes entre os sistemas de comunicação e histórias sociais distintas vão causando impactos sobre o sentido que as pessoas dão à sua vida e a seus projetos. É assim que, as indústrias culturais entendidas como agente de estrutura e organização da sociedade se constituem em importantes meios de circulação de idéias e imagens.

É bem provável que o homem contemporâneo esteja preferindo o simulacro à realidade. (Andy Warhol já representou essa ação na década de 50 com as imagem/simulacro da Marilyn Monroe, mais glamorosa que a Marilyn real). Pois os *meios* não nos informam sobre o mundo, eles o refazem à sua maneira, hiper-realizam o mundo; transformando-o num espetáculo. O simulacro, tal como a fotografia a cores, embeleza, intensifica o real, fabrica um hiper-real, espetacular,

um real mais real e mais interessante que a própria realidade. (Jair Ferreira Santos, 2002, p.12).

Na pós-modernidade o homem encontra-se aturdido em mundo hiper-recriado por signos, e na presença constante do simulacro, se sente irreal, sua sensibilidade é frágil e sua identidade evanescente. Matéria e espírito se esfumam em imagens. A isso os filósofos estão chamando de *desreferencialização* do real e *dessubstancialização* do sujeito, ou seja, o referente (a realidade) se degrada em fantasmagoria e o sujeito (o indivíduo) perde a substância interior, sente-se vazio. É assim que os signos de um produto ou de um valor na publicidade têm preponderância na vida contemporânea. Neste cenário a mídia exerce um papel cheio de sedução, se oferece de forma espetacular ao homem atual. No entanto, sua recepção passiva, leva o espectador ao individualismo extremo, tende à absorção de qualquer ideia, qualquer costume, é flexível. Narcisista, é vazio e sem ideias, busca a satisfação no aqui e agora, está no centro da crise dos valores pós-modernos. A mídia pode ser utilizada por muitos, sem aparente interferência, porém, estudos recentes revelam que este veículo tem habilidade de moldar comportamentos, estilos e atitudes que concorrem para a criação de novas identidades. Os modelos e hábitos por ela instituídos corroboram para a ânsia da satisfação imediata, convidando ao consumismo e à catarse, uma vez que, suas mensagens transmitidas numa rapidez estonteante, não permitem que as mesmas cheguem ao nível da consciência do telespectador.

O homem no centro deste “jogo” é visto por estes filósofos como objeto de manipulação dos *mídia* e da tecnociência, responsáveis pelo bombardeio informacional. As mensagens que dela provêm são criadas visando a espetacularização da vida, a simulação do real e sedução do sujeito, assim compreende o francês Jean Baudrillard. É assim que, o espetáculo oferecido pela TV faz com que o espectador seja o que vê, e também o que espera por novas imagens igualmente atraentes e fragmentadas para consumir. É a lógica da simulação e do simulacro. Procuramos nas ruas, nos rostos e nos corpos das pessoas a perfeição que só se vê na TV. Desta forma é que os signos disseminados pelas tecnologias da informação nos seduzem e nos mantêm à espera de novos signos.

“...o espetáculo, considerado sobre o aspecto restrito dos meios de comunicação de massa- sua manifestação

superficial mais esmagadora- que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação está longe da neutralidade, é a instrumentação mais conveniente ao seu automovimento total. As necessidades sociais da época em que se desenvolvem tais técnicas não podem encontrar satisfações senão pela sua mediação à administração dessa sociedade já não pode ser exercida senão por intermédio deste poder de comunicação instantâneo, e é por isso que tal comunicação é essencialmente *unilateral*, sua concentração se traduz acumulando nas mãos da administração do sistema os meios que lhe permitem prosseguir administrando...” (Guy Debord).

A hiper-realidade estabelecida pela TV, permite ao telespectador identificar-se com seus ídolos, os deuses e heróis da telinha, fazendo-o acreditar que ele, um simples mortal, pode vir a se tornar uma celebridade, pode vir a ter o privilégio de se fazer visível, tal qual acontece nos *realities-shows*. Portanto, é preciso examinar a condição do sujeito pós-moderno enfocando sua subordinação ante a carga técnico-informativa, sobretudo a televisiva, a que está inevitavelmente submetido, assim como explorar da forma mais profunda quanto possível seus efeitos e conseqüências (benéficos ou não) à sociedade. Procurar compreender o processo interativo entre homem e espetáculo televisivo, assim como os mecanismos de ação das mensagens veiculadas pela TV sobre a formação e comportamento do homem atual, é de certa forma contribuir para a construção de um referencial mais sólido, promover o auto-conhecimento, condição necessária para a construção de sua identidade enquanto ser social, e que podem levar aos seguintes questionamentos: Quem sou? Qual papel ocupo no grupo social ao qual pertenço? Quais valores defendo ou acredito? Quais são minhas fontes de conhecimento, e quem contribui na determinação dos meus gostos e desejos? Quais são minhas referências enquanto ser social?

## POSSIBILIDADES EMANCIPATÓRIAS ATRAVÉS DO ENSINO DA ARTE

Com relação á educação escolar, contrapor-se à ordem vigente, significa submeter-se a questionamentos constantes: que diretrizes políticas eleger como norteadoras da tarefa educativa? Quais saberes são fundamentais, e quais serão excluídos? Por quê? Como esses saberes são tratados no tempo e no espaço escolar?

Experiências no campo pedagógico têm mostrado que a escola pode criar condições para que a fruição cultural ocorra, em patamares para além dos habituais, em outros espaços e tempos sociais. É nesse sentido que se coloca a necessidade de discussão da linguagem imagética na escola. Pois como os lembra Adorno, “a cultura não tem nenhuma outra possibilidade de sobreviver senão a partir de uma reflexão crítica sobre a semicultura, em que necessariamente se converteu” (1992, p. 56).

A arte adquiriu autonomia quando se libertou de sua função religiosa, no entanto, na sociedade pós-industrial, passou a ser subserviente ao mercado capitalista e à ideologia da indústria cultural. Sob o efeito da massificação, as artes correm o risco de perder suas principais características

- de expressivas, tornam-se reprodutivas.
- de criação torna-se evento para o consumo.
- de experimentação do novo torna-se consagração do consagrado pela moda e pelo consumo. (Marilena Chauí, 2000).

Ainda segundo Chauí as obras de arte e de pensamento, são aquelas que nos exige trabalho sensorial e mental para compreendê-las, amá-las criticá-las, e superá-las. Porém, sob o controle econômico deixaram de ser fruídas, para serem apenas consumidas.

Ao massificar a produção artística, a mídia oferece produtos “médios” para conhecimento e gostos “médios”. A média é o senso comum cristalizado que é oferecido a esse espectador “médio”, com aparência de coisa nova. A superficialidade e a previsibilidade no conteúdo dos espetáculos ofertados por essa cultura não exige nenhum esforço mental, como exige a autêntica obra de arte.

A arte como fonte de humanização permite ao indivíduo conscientizar-se de sua existência individual e social. É desafiadora na medida em que expõe contradições, emoções e o sentimento de suas construções. Por isso a arte deve interferir e expandir os sentidos, a visão de mundo e o senso crítico. Dessa forma, se a escola pretende desenvolver de fato esta humanização em seu aluno, combatendo a alienação causada pela indústria cultural, tem diante de si o desafio de desenvolver-lhe um novo olhar, novas maneiras de perceber e interpretar os produtos artísticos e o mundo, um olhar mais crítico e um interpretar da realidade além das aparências.

Neste sentido, torna-se imprescindível uma análise mais detalhada da importância da educação estética, no intuito de valorizar a educação dos sentidos. Também é necessário diferenciar o que é arte, do conceito de arte estabelecido pela indústria cultural.

Todavia, grande parte do público de todos os gêneros de arte, resiste à atividade mental que exige fruição, pois situa-se no nível inferior da competência estética (capacidade do espectador de extrair significados da obra artística). O espectador que não exerce sua atividade mental, não vai além das emoções para interpretar uma obra, pois não se esforça para adquirir nada de novo - é o processo da “quase-percepção”.

(...) “A quase-percepção gerada pela quase-arte, torna-se perversa quando toma o lugar da verdadeira arte, para muitas pessoas que não conhecem outra forma de arte e acreditam ser a verdadeira arte” (Leontiev, 2000, PP.127-145).

A educação estética envolve, além de conhecimento e informação, o desenvolvimento pessoal e da personalidade. Leontiev ainda afirma que uma obra de arte se revela somente àqueles que estabelecem uma atitude dialógica com ela. Este diálogo pressupõe renunciar temporariamente a sua posição única, pessoal, assim como renunciar ao seu ponto de vista exclusivo e aceitar a posição do artista, olhando para o mundo através dos olhos do artista. É a atitude de aceitação imparcial, sem vínculos emocionais.

O paradoxo da percepção estética está no fato de que a renúncia à percepção pessoal (seus significados pessoais) é a condição para entender a obra em toda a sua plenitude. Esta atitude dialógica permite compreender, além da imagem do mundo, o mundo em si. É neste processo de interação que os significados contidos na obra se conectam com as *estruturas de sentido* da personalidade do receptor. Portanto, ensinar esta atitude dialógica para com a arte é proporcionar a capacidade de se relacionar pessoalmente com o mundo significativo que a arte abre a partir desse diálogo. A esta capacidade Leontiev deu o nome de competência estética.

Ao serem acionadas, as estruturas de atividade mental desencadeiam operações mentais alicerçadas em mecanismos reguladores baseados no sentido pessoal, que levam ao significado, no encontro com a verdadeira arte.

Na categoria da educação estética, Leontiev aponta três funções, e seus respectivos aspectos:

-função recreativa- está presente na maior parte dos gêneros e estilos de arte. Porém, a que tem esse componente como principal objetivo, é a quase-arte industrial. Esta abordagem de arte não requer nenhuma competência estética.

-função socializante- informa sobre os valores, normas e padrões de comportamento e identidade pessoal. Serve tanto à cultura de massas quanto à “arte superior”. Esta função não é específica da arte, sendo que as pessoas preferem aprender de outras fontes.

-arte orientada para o desenvolvimento pessoal- ao contrário das anteriores, esta função quebra normas, atribui novas formas de ver o mundo. Exige um elevado nível de competência estética, sendo capaz de instigar o trabalho mental, na interação com a arte.

Portanto na mesma proporção em que se objetiva o desenvolvimento pessoal, se distancia dos efeitos da cultura comercial de massas.

Por isso é que falar em pensamento estético nos dias atuais, é imprescindível para a educação, sobretudo porque saber hoje, é ter acesso a formas de interação e conhecimento que demandam visibilidade complexa.

(...) repensar o alcance e o significado da atividade artística, e o campo relacionado à estética, implica em considerar o que é necessário para que experiência estética seja, ao mesmo tempo um fator de emoção, sentimento e num nível mais complexo, reflexão tanto sobre a arte, como sobre a vida. (Meira, 2006, p.128)

Neste sentido, compreende-se que educar esteticamente é fazer com que a arte se incorpore à vida do sujeito, como fruição e produção, porque ambas proporcionam a experiência da sensibilização. No estético é possível refletir sobre a integração das capacidades humanas para dialogar com o mundo. O mundo quando qualificado pela experiência estética, se converte em um universo repleto de significações, pois é através dela que se é possível articular os conhecimentos que emanam da arte.

O papel político do professor de arte requer consciência sobre questões fundamentais, que nas artes se traduzem como elementos sensíveis. A respeito disso, Meira afirma:

(...) sem uma mediação consciente e competente em nível de sensibilização por parte do educador de arte, o diálogo íntimo e profundo com a arte, não acontece, nem suplanta as formas de leitura mais superficiais (Meira 2006, p.136)

O papel da escola, em especial o ensino de arte na atualidade, deve ser, antes de mais nada, educar os sentidos, a fim de encorajar a discussão e o confronto, possibilitando a reflexão, e um olhar mais atento, que seja capaz de avaliar a qualidade da cultura, disseminada pela comunicação midiática.

## EXPERIÊNCIAS E RESULTADOS NA IMPLEMENTAÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

O Estado do Paraná apresenta em sua política educacional vigente, baseada na Pedagogia Histórico Crítica de Paulo Freire, a proposta de uma formação educacional que parta da construção de um sujeito crítico que se reconheça como autor de sua própria história. Tal estrutura pedagógica vem favorecer práticas docentes que possibilitam não apenas a oferta de conhecimentos formais e científicos, como também o sujeito fazer uso destes na construção de sua identidade e na sua formação integral.

Através do Programa de Desenvolvimento Educacional<sup>1</sup>, implantado neste governo, pela Secretaria da Educação do Estado do Paraná, foi desenvolvido um projeto de pesquisa denominado: *“A educação estética em oposição à indústria cultural”*, e com base nesta pesquisa uma produção-didático-pedagógica- um folhas<sup>2</sup>, intitulada: *“Compro, logo existo!”*, que se constituíram em material de apoio na implementação da pesquisa-ação. A seguir, os relatos do resultado desta implementação, realizada no Colégio Estadual Vicente Rijo, na cidade de Londrina, com os alunos da 2ª série do Ensino Médio.

A implementação do projeto de pesquisa se deu em etapas diferentes. Primeiramente o aluno foi aproximado do objeto de estudo, apreendendo o fenômeno da indústria cultural, e o campo fértil no qual se desenvolve: o sistema capitalista.

---

1-PDE – O programa é uma política inovadora de Formação Continuada em Rede, iniciada em 2007, promovida pela Secretaria da Educação, em parceria com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, que estimula o ingresso dos professores da rede pública, via processo de seleção, a um programa de estudos com duração de dois anos..

2- Material didático-pedagógico de formato específico, elaborado pelo professor paranaense, cuja linguagem é voltada para o aluno.

O conceito de cultura na sociedade atual foi considerado a partir das formas em que se apresentam: arte popular, arte erudita e indústria cultural. Foi discutido como funciona a lógica do sistema capitalista e como a cultura se transforma em bem de consumo (mercadoria) e a forma pela qual a quantidade (o lucro) é priorizada, em detrimento da qualidade dos produtos incluídos na cultura divulgada pela indústria cultural.

Após a apropriação desses conceitos, numa segunda etapa, foi realizado um aprofundamento teórico sobre a origem do termo *indústria cultural*, a Escola de Frankfurt e os filósofos que se debruçaram sobre esse objeto de estudo. Os alunos se informaram através de vídeos e textos sobre o contexto histórico-filosófico da cultura de massa, assim como conceitos e considerações sobre Adorno e Horkheimer e outros filósofos frankfurtianos adeptos da Teoria Crítica, na qual reside toda a crítica sobre a Razão instrumental (fracasso do projeto iluminista). Na decisiva e subsequente etapa, os alunos deslocaram-se da teoria para a prática através de uma proposta de atividades que lhes permitiram comparar conteúdos artísticos provenientes da mídia e de outras fontes. Analisaram a qualidade das músicas, filmes, novelas e programas televisivos em geral. Avaliaram o grau de manipulação de publicidades em geral (impressa e eletrônica). Assistiram a vídeos citados no material didático, de forma que puderam tomar consciência do poder persuasivo das mídias e das ideologias nelas contidas. Conscientes da forma como se dá o processo de manipulação pela indústria cultural, numa última e conclusiva etapa, os alunos foram submetidos a uma apreciação gradual e seletiva de manifestações e linguagens artísticas e literárias clássicas, eruditas e populares.

A experiência resultou numa produção final, escrita pelos alunos, que demonstrou o despertar de um olhar mais crítico e mais atento em relação à cultura e à arte que chega até ele pelas fontes midiáticas. Tais produções revelam também que, a partir deste processo de conscientização, ele agora sabe que, não apenas produções melhores existem, como também pode explorá-las buscando-as em outras fontes, aprendendo assim a amá-las, criticá-las e consumi-las como alimento para seu espírito.

Considerando que a constante exposição dos jovens aos meios de comunicação de massa é determinante na sua formação cultural, concluiu-se através da implementação deste projeto que a única forma de oferecer resistência ao seu monopólio, é contrapor-se diretamente a ela, isto é, oferecendo e expondo em maior número e frequência possível (assim como faz a mídia) produções culturais de nível mais elevado. Entende-se pela escola, ser esta, a instituição de ensino formal, não obstante, cabe a esta, contrapor-se ao banal, ao chulo, ao lixo cultural que na maioria das vezes a mídia apresenta. O que não significa



ignorar a presença da mídia, mas explorá-la dentro da escola de uma forma crítica, sobretudo assumindo uma postura reflexiva. Estimular o raciocínio, a atividade mental, a experimentação pela fruição com a verdadeira e autêntica obra de arte, possibilitar não apenas a resistência ao poder manipulador dos mídia, mas viabilizar possíveis caminhos para a verdadeira educação emancipatória.

*“O ato de resistência possui duas fases: ele é humano e é também ato artístico. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob forma de obra de arte, seja sob forma de uma luta dos homens.”*

(Gilles Deleuze)

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar , 1985.

BAITELLO, Norval. *A era da iconofagia*. São Paulo: Hacker. 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHAUÍ, Marilena Souza. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural ?*. São Paulo: Brasiliense, 2007

DEBORD, Guy, *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREITAG, Bárbara. *Política educacional e indústria cultural*. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP& A, 2007.

LEONTIEV, Dimitry . *Funções da arte e da educação estética*. In: FROIS, João Pedro. *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares*. Lisboa: F.C.G, 2000. pp. 127-145.

LIBÃNEO, José Carlos. *Pedagogias e Pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez.1998.

LYOTARD, Jean Pierre. *A condição pós-moderna*, 4ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio.2000.

LOUREIRO, Robson, e DELLA FONTE, Sandra Soares. *Indústria cultural e educação em tempos pós-modernos*. Campinas: Papyrus, 2003.

MEIRA, Marly R." Educação estética, arte e cultura do cotidiano".In :PILLAR, Analice Dutra. (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. 4ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no séc. XX (neurose)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba, 2008.*Diretrizes curriculares de arte para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio*.

PENTEADO, Heloísa Dupas. *Televisão e escola: conflito ou cooperação?* São Paulo: Cortez, 1991.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Linguagem autoritária, televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTOS, Jair Ferreira. *O que é pós-moderno?* São Paulo: Brasiliense, 2002

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raque. *A máquina de narciso-televisão, indivíduo e poder no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1994.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Sobre a atualidade do conceito indústria cultural*. Cadernos Cedes, nº 54. São Paulo, agosto/ 2001, p. 9-18.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. “Seduções e simulacros. Considerações sobre a indústria cultural e os paradigmas da resistência e da reprodução em educação”. In: PUCCI, Bruno (Org). *Teoria crítica e educação: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*, 2ª ed.. São Carlos: UFSCar/ Petrópolis: Vozes, pp. 151-176.